

Lucia M. A. Ferreira, Fernando Augusto Souza Pinho, Andréa Rodrigues, Edinamária Mendonça e Marcelo Benedicto Ferreira

Memória e mídia no discurso sobre a cidade

o Grupo *Discurso & Cidade*

SOBRE AS ORIGENS

O grupo de pesquisa **Discurso & Cidade** foi formado no segundo semestre de 2010, sob a coordenação da Profa. Dra. Lucia Ferreira, no âmbito do projeto de pesquisa “Discurso, sujeito e memória: nas tramas dos sentidos sobre o Rio de Janeiro”, apoiado pelo CNPq e pela CAPES. Concebido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS/UNIRIO), na qual são desenvolvidos estudos no campo do conhecimento interdisciplinar, este projeto de pesquisa se propôs a investigar especificamente a constituição da memória social segundo a perspectiva da linguagem.

Se considerarmos que é pela linguagem que se formam as culturas, precisamos admitir também que será a linguagem que poderá nos propiciar uma via privilegiada de acesso à compreensão dos mecanismos e recursos que utilizamos para construir a memória, a subjetividade e as configurações identitárias a ela relacionadas. Isto significa dizer que é nas interações cotidianas, nas práticas discursivas em que

nos engajamos, nas narrativas que permeiam os diálogos que mantemos com nossos interlocutores, nos textos que lemos e escrevemos e nas imagens com que interagimos que criamos as referências que irão constituir a memória e as construções coletivas mais estabilizadas, tais como as crenças e tradições, porém também passíveis de desestabilizações e de mudanças (Ferreir, 2005).

Ao registrar aquilo que lhe é contemporâneo, a mídia, em especial a jornalística, acaba por legitimar-se como lugar de saber, exercendo uma determinação nos sentidos, participando da constituição das subjetividades e da ação política e construindo os lugares a partir dos quais muitas vezes nos posicionamos como indivíduos. Funcionando em diferentes dimensões temporais simultaneamente, ao mesmo tempo em que nos oferecem uma interpretação da atualidade, as narrativas jornalísticas ressemantizam o passado e apontam, entre os acontecimentos da atualidade, aqueles que vão ser lembrados no futuro. O acontecimento será sempre discursivizado, tomado em redes de memória, construindo saberes e, neste movimento, promovendo alguns sentidos e silenciando outros,

Lucia M. A. Ferreira

é doutora em Linguística (UFRJ) e professora aposentada do PPGMS/UNIRIO.

lmaferreira2@gmail.com

Fernando Augusto Souza Pinho

é doutor em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ), em estágio de pós-doutorado na PUC-Campinas.

fernandopinhossa@yahoo.com.br

Andréa Rodrigues

é doutora em Linguística (PUC-Rio), com pós-doutorado em Memória e Linguagem (UNIRIO) e professora adjunta da UERJ.

andrearodrigues.lettras@gmail.com

Edinamária Mendonça

é mestre em Memória Social (UNIRIO) e professora substituta do curso de Produção Cultural e de Cinema da UFF.

edinamaria_mendonca@hotmail.com

Marcelo Benedicto Ferreira

é doutor em Memória Social (UNIRIO) e jornalista no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

marcelobenedictoferreira@gmail.com



Imagem 1:
O videoclipe *Favela Fashion Week* como modo de discursivização da periferia foi um dos objetos de análise do grupo Discurso & Cidade.

construindo uma memória que aponta para o futuro – uma **memória do futuro** (Mariani, 1988). Portanto, nessa viés, o projeto de pesquisa “Discurso, sujeito e memória: nas tramas dos sentidos sobre o Rio de Janeiro” teve como objetivo a descrição e a análise das diferentes formas de discursivização/inscrição da cidade do Rio de Janeiro no discurso jornalístico (praticado tanto pelos meios de comunicação hegemônicos, brasileiros e estrangeiros, quanto pelo jornalismo alternativo) e dos modos de constituição do sujeito que enuncia esses dizeres, o que configurava, em síntese, o exame dos sentidos que constituem uma memória da cidade.

Portanto, o objeto da pesquisa foi constituído no entrecruzamento entre diferentes campos do saber, em especial o campo dos estudos da linguagem e o dos estudos da memória social, além dos campos do político, do histórico e do cultural. Cabe, neste momento, delinear algumas categorias de análise, que constituíram a base de nossa experiência intelectual coletiva, a saber: a **memória social**, o **discurso** e a **mídia**.

A MEMÓRIA SOCIAL

O estudo da memória como fenômeno social foi inicialmente desenvolvido por Maurice Halbwachs na primeira metade do século XX¹. Distanciando-se da oposição entre o individual e o coletivo, Halbwachs formulou o conceito de memória coletiva, segundo o qual os acordos tácitos entre os indivíduos, bem como o caráter dinâmico da memória em suas relações com a lembrança e o esquecimento, estariam presentes na base do funcionamento das sociedades

1 Suas obras *Les cadres sociaux de la mémoire* e *La mémoire collective* foram publicadas em 1925 e 1950, respectivamente.

modernas. Ao longo do tempo, o conceito de memória coletiva foi apropriado e res-semantizado, a partir de posições teóricas distintas, e associado a outros construtos teóricos. Os estudos desenvolvidos especificamente no PPGMS/UNIRIO, e que serviram de matriz para nossas reflexões, interpretam a memória social como “inserida em um campo de lutas

e relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembrança e esquecimento” e, conseqüentemente, como um conceito “complexo, inacabado, em permanente processo de construção” (Gondar, 2005, p. 7).

MEMÓRIA E DISCURSO

Em sua reflexão sobre o papel da memória, Pêcheux (1999, p. 50) nos coloca diante de uma pergunta instigante: em quais condições um acontecimento histórico “poderá vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”? No âmbito da Análise do Discurso (AD)², a memória é condição para o dizer, é a memória discursiva, o interdiscurso que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2003, p. 31).

Para responder à questão posta por Pêcheux é preciso considerar os aspectos discursivos que propiciam a inscrição dos acontecimentos na memória, aqui entendida não como uma representação coletiva, mas como um processo histórico, uma (re)construção que se dá no constante movimento da vida social e que resulta, portanto, de tensões e disputas de interpretações. Não se trata, contudo, de ver a memória como evolução no tempo, nem como um processo de perda de referências. Pelo contrário, a reatualização da memória pressupõe um movimento constante de (re) construção do passado, que envolve esquecimentos,

2 Às vezes chamada de Análise do Discurso Francesa, a AD é aqui considerada como uma análise dos discursos que segue as formulações fundadoras feitas pelo filósofo francês Michel Pêcheux (entre os anos 1960 e 1980) e as contribuições de Eni Orlandi (a partir dos anos 1980, no Brasil) e dos pesquisadores por ela formados, as quais constituíram e constituem o “campo brasileiro da análise do discurso” (Indursky, 2006, p. 66).

ressignificações e disputas e que também aponta para uma memória do futuro.

Entendemos o discurso como prática social, como construção de efeitos de sentido entre locutores. A análise do discurso se dá no exame de seus processos de produção, no âmbito de formações ideológicas e discursivas que se afiguram como matrizes de sentido, regulando o que o sujeito pode e deve dizer, mas também o que não pode e não deve ser dito (Pêcheux, 1999, 2006, 2009; Orlandi, 2003).

Embora o sujeito do discurso estabeleça uma relação ativa no interior de uma formação discursiva, ele não é, contudo, totalmente livre e se constitui sempre a partir de sua relação com o outro, não sendo nem fonte única de sentido nem o elemento do qual se origina o discurso; assim como é determinado, ele também afeta e determina a sua prática discursiva.

MEMÓRIA E MÍDIA

Na contemporaneidade a mídia se constituiu como o principal espaço de construção da memória social, na medida em que os meios de comunicação são um locus de realização do trabalho sobre as representações sociais, aqui entendidas como processos de construção de sentidos e não como reflexos da realidade. Huyssen (2000) observa que não se pode discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória. A mídia, entretanto, como observa o autor, não “transporta a memória pública inoentemente”, condicionando-a à sua própria estrutura e forma. Em outras palavras, as representações que nos chegam por intermédio dos meios de comunicação já nos chegam impregnadas de memória, de uma memória da constituição histórica do meio e que subjaz à representação.

Embora marcada historicamente por confrontos e alianças que orientam as interpretações e os efeitos de sentido, as operações realizadas pelos meios de comunicação nem sempre não evidentes para os sujeitos, que, sob

o efeito ideológico da evidência, tomam o discurso como expressão da verdade. Portanto, considerar que a memória pode se constituir sob diferentes modos de textualização, entre os quais a produção jornalística, significa pensar a relação de forças que permitiu sua inscrição, muitas vezes atribuindo-lhe relevância histórica em detrimento de outros sentidos que não se fixaram. Um dos efeitos de sentido do discurso

Imagem 2: Uma análise do discurso jornalístico sobre a estatística oficial brasileira esteve presente em uma das teses de doutorado produzidas no âmbito do grupo de pesquisa.

oglobo.com.br

O GLOBO

RINEU MARINHO (1876-1925) RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 30 DE ABRIL DE 2011 • ANO LXXXVI • Nº 28.390 ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Vidas reais

Reino unido pelo conto de fadas

William e Kate quebram protocolo com 2 beijos diante da multidão e príncipe dirige carro após casamento



O CASAL REAL se beija na sacada do Palácio de Buckingham, ao lado de uma mal-humorada dama de honra

• Diante de 1.900 convidados na Abadia de Westminster, um milhão nas ruas de Londres e uma audiência nas redes sociais maior que a do tsunami no Japão, o príncipe William casou-se ontem com a plebeia Kate Middleton, num espetáculo de pompa e cerimônia que não deixou de ter a emoção de uma solenidade íntima. O casal quebrou o protocolo ao trocar dois beijos na sacada do Palácio de Buckingham e ao sair num Aston Martin, modelo usado por James Bond, com William ao volante. O vestido de Kate, um segredo guardado a sete chaves, surpreendeu pela simplicidade e agradou a todos. A princesa Diana, mãe do noivo morta em 1997 num acidente de carro em Paris, foi lembrada com músicas. **Páginas 46 a 50**

O Brasil avança, mas lentamente

Censo mostra país mais velho e feminino; e menos branco



SEM MARIDOS: mulheres brasileiras superam em 4 milhões a população masculina, afetada pela violência

• O Brasil revelado pelo Censo 2010 é um país com mais renda, infraestrutura e educação, mas em ritmo lento de melhoria. Entre os maiores problemas, o saneamento básico: só 55,5% dos domicílios têm acesso à rede de esgoto. A taxa era de 47,3% em 2000 e 35,3% em 1991 — na Era Lula, o avanço nesse setor ocorreu, portanto, num ritmo menor que nos anos 90. Para especialistas, no quadro atual de investimentos, só em 2070 o Brasil poderá sonhar com 100% de acesso a esgoto. Num país mais urbano, mais feminino e mais velho, o maior crescimento é de cidades de médio porte, como Rio das Ostras, cuja população aumentou 180%. Pela primeira vez, brancos não são maioria. **Páginas 3 a 18**

Superman não é mais americano

• Um dos ícones dos EUA, o Super-Homem decidiu abrir mão da nacionalidade americana. Na última edição da revista "Action Comics", ele se disse cansado de ser visto como peão da política de Washington. **Página 51**



ILUSTRAÇÃO DE FISCH

SUPER-HOMEM: decisão de ser cidadão do mundo após voar para o Irã

Obama promete ajuda contra supertornados

• Dois dias após mostrar a certidão de nascimento para provar que é americano, Obama foi ao Sul do país, devastado por tornados que mataram 339 pessoas, na maior catástrofe desde o Katrina em 2005. **Página 51**



CHARLES DHRANQAL/AP

BARACK OBAMA na cidade de Tuscaloosa: socorro rápido ao Sul arrasado

SERVIDO CABERNO

Aos 69 anos, o diretor Aderbal Freire-Filho atua como ator no monólogo "Depois do filme", no Póeirinha, espaço experimental anexo ao Teatro Póeira que abre as portas em maio.

ELA

Luciana Castello Branco



HISTÓRIA

Uma viagem pelo Butão, o reino entre Índia e China onde a mulher casada pode ter mais de um marido, os gays se assumem publicamente e o cogumelo é o melhor e mais caro do mundo.

PROSE & VERSO

Na véspera da decisão da Taça Rio, historiador relembra uma partida bem mais acirrada. Em 1942, em plena guerra, ucranianos e alemães se enfrentaram no Jogo da Morte. **Página 52**



Com exposições em Londres e Nova York, o dissidente chinês Ai Weiwei está preso desde o dia 3 pelo governo de seu país, e provoca debate sobre liberdade de expressão.

2ª Edição Metropolitana • Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro: R\$ 2,50 • Circulam com esta edição: Classificados, Segundo Caderno, Ela, Globofin, Prosa & Verso e Caderno Esportes: 196 páginas



Imagem 3:
As pichações de
protesto em Lisboa
foram também
objeto de uma
análise discursiva.

jornalístico, por força de sua própria institucionalização, é uma aura de objetividade e da referencialidade que lhe conferem eficácia simbólica.

DA CIDADE PARA AS CIDADES

Os integrantes do grupo Discurso & Cidade estavam filiados a diferentes instituições de ensino de graduação, pós-graduação e pesquisa, em um trabalho de parceria que visava reunir a contribuição de diferentes campos em um esforço conjunto na produção do conhecimento, bem como em sua divulgação em eventos e publicações. O grupo, ao longo de seu período de existência (2010-2015), foi assim composto: Prof^a. Dr^a. Lucia M. A. Ferreira (PPGMS/UNIRIO), líder do grupo de pesquisa; Prof^a. Dr^a. Andréa Rodrigues (UERJ), Prof^o. Dr. Nilo S. S. Gomes (ECO/UFRJ), Dr. Fernando Augusto Souza Pinho (IPPUR/UFRJ), Doutor Marcelo Benedicto Ferreira (PPGMS/UNIRIO), Doutoranda Ângela de Aguiar Araújo (IEL/UNICAMP), Doutoranda Edinamária Mendonça (PPGMS/UNIRIO), Mestre Iris Agatha de Oliveira (PPGMS/UNIRIO) e Victor Hugo Vasconcelos (bolsista CCH/UNIRIO).

A partir do marco fundador estabelecido pelo

projeto de pesquisa “Discurso, sujeito e memória: nas tramas dos sentidos sobre o Rio de Janeiro”, os membros do grupo **Discurso & Cidade**, graças à sua formação em diferentes campos disciplinares (Linguística, Comunicação Social/Jornalismo, Ciências Sociais, Planejamento Urbano e Regional) e suas pesquisas individuais, ampliaram a perspectiva de análise para outras cidades, formando um coletivo que, em síntese, buscou examinar os sentidos sobre o acontecimento contemporâneo da cidade e suas inscrições em diferentes materialidades discursivas (imprensa, cinema, fotografia, pichação, entre outras). Passamos, então, da questão inicial, específica, sobre **como a cidade do Rio de Janeiro é significada no discurso jornalístico** para uma questão ainda mais complexa e universal: **como a cidade é/foi significada em diversas materialidades discursivas?**

Compreendemos, na perspectiva da AD, a cidade como um espaço particular de interpretação, um espaço onde os sujeitos se interpretam e interpretam a cidade, a qual, por sua vez, impõe determinados gestos de interpretação (Orlandi, 2001; 2004). Ou seja, para além de sua conformação física, para além de um conceito geográfico, para além de uma noção jurídica, a cidade introduz uma dimensão da representação sensível de suas formas. Interessa, portanto, não só a dimensão visível, mas o seu sentido, como

isso significa e para quem significa. A cidade seria, então, esse “espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (Orlandi, 2004, p. 32). Aí reside uma outra forma de compreender a cidade: a partir da noção de que ela é instituída e constituída no/pelo discurso e que, por isso mesmo, através do discurso, a cidade estabelece relações de significação que aliam sujeito, história e língua.

Como principal dinâmica de funcionamento, o grupo realizava reuniões periódicas, de caráter quinzenal ou mensal, para discussão de obras que ampliavam o embasamento teórico das pesquisas. Além de autores do campo da Análise do Discurso, como Eni Orlandi, Sophie Moirand, Bethania Mariani, Nilton Milanez, lemos também textos de filósofos como Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Christoph Turcke e Dany-Robert Dufour. Em paralelo aos encontros para leitura e debates, os membros do grupo participaram também de cursos de extensão e dos principais eventos acadêmicos em diferentes áreas do conhecimento. Uma significativa e numerosa produção intelectual (artigos, participação em mesa-redonda, exposições fotográficas, dissertações de mestrado, teses de doutorado, entre outras) foi resultante desse período e, considerando os limites deste texto e os seus objetivos (entre eles, nosso principal objetivo aqui é o de registrar uma estimulante e frutífera experiência acadêmica e coletiva), sugerimos às pessoas interessadas em mais informações e nos textos por nós produzidos que consultem o blog do grupo **Discurso & Cidade** em <https://discursoecidade.wordpress.com/>.

Atualmente, com a aposentadoria da Profa. Lúcia Ferreira, o grupo prepara-se para retomar suas discussões, considerando os novos objetos de pesquisa de seus integrantes, com a ideia de continuar promovendo a leitura e o debate a partir de textos que abordem as complexas relações entre discurso, memória, cidade, ensino, mídia e imagem.

REFERÊNCIAS

GONDAR, Jô. “Quatro proposições sobre

memória social”. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera L. D. (orgs.) *O que é Memória Social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 11-26.

FERREIRA, Lucia M. A. “As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória”. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera L. D. (orgs.) *O que é Memória Social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

INDURSKY, Freda. “O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites”. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni. “Apresentação: Cidade atravessada”. In: ORLANDI, Eni. P. (org.). *Cidade atravessada*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. “Papel da memória”. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. ■

Imagem 4: Outra tese de doutorado tratou dos dizeres sobre a memória e saudade em Belém.

